

A POTÊNCIA DE UM *ETHOS* PULSANTE NA AMAZÔNIA: O *ETHOS* FEMININO COMUNITÁRIO ENTRE AS ERVEIRAS DE MARUDÁ

Reinaldo Eduardo da Silva Sales¹

RESUMO

O objetivo deste texto é apresentar os resultados parciais da pesquisa sobre a produção de um *ethos* feminino entre um grupo de mulheres que habitam o território litorâneo de Marudá, distrito paraense do município de Marapanim. Para tanto, foi utilizada uma pesquisa etnográfica articulada ao método cartográfico, cujo instrumento foram rodas de conversa. Os dados que trazemos dizem respeito às representações de natureza que essas mulheres possuem, as quais se referem a sistema, união, cuidado, força, resistência e resiliência.

PALAVRAS-CHAVE: *Ethos* Feminino; Natureza. Representações.

ABSTRACT

The objective of this text is to present the partial results of the research on the production of a feminine ethos among a group of women who inhabit the coastal territory of Marudá, district of Pará in the municipality of Marapanim. For that, an ethnographic research articulated to the cartographic method was used, whose instrument were conversation circles. The data we bring concern the representations of nature that these women have, which refer to system, union, care, strength, resistance and resilience.

KEYWORDS: Feminine Ethos; Nature. Representations.

1 Introdução

Este texto apresenta os resultados parciais de uma pesquisa de tese cujo foco é refletir sobre uma subjetividade feminina que articula a habitação de um território e sua relação com a natureza produzindo uma alteridade significativa entre mulheres erveiras que residem do interior da Amazônia e que está fora de boa parte das lentes de análise dos pesquisadores sobre gênero.

Aliás, em relação aos estudos de gênero, é importante considerar que mesmo com os direitos e a visibilidade alcançada pelo Movimento Feminista, ele representou

¹ Doutorando em Educação; Programa de Pós-graduação em Educação; Universidade Tiradentes-UNIT; Membro do Núcleo Diadorim de Estudos de Gênero (NDEG/CNPq/UNIT); e-mail: mestrado_reinaldoes@souunit.com.br.

conquistas para um grupo muito específico de mulheres: brancas, urbanas, de classe média, cisgêneras, heterossexuais, e do norte global (SANTOS, 2013). Assim, não é possível generalizar nem esse movimento nem as conquistas alcançadas por ele. Até porque, ele parte de um projeto de resistência muito particular que se articula a outros projetos que, em geral, situam-se no norte global e estão alicerçados dentro de um espectro de colonialidade.

Por isso, é preciso entender que existem outros modos de viver o feminino, como é o caso do *ethos* feminino comunitário entre as erveiras de Marudá/Pará. Esse *ethos* corresponde a uma subjetividade que representa um projeto político de habitação do território, uma potência criadora de conhecimento e de uma estética própria em cuja base está sua relação com a natureza. É o resultado de várias experiências que resultam das condições territoriais, socioculturais e normativas negociadas a partir de redes de sociabilidade e são incorporadas pelas mulheres nos processos de socialização. É uma subjetividade atravessada por distintos saberes, fazeres e pensares, que emergem de diferentes posições de sujeitos que as mulheres assumem no cotidiano de suas vidas. Trata-se de uma subjetividade potente e pulsante que na Amazônia imbrica os corpos produzindo uma alteridade significativa, cujo princípio está na relação ontológica entre gênero e natureza.

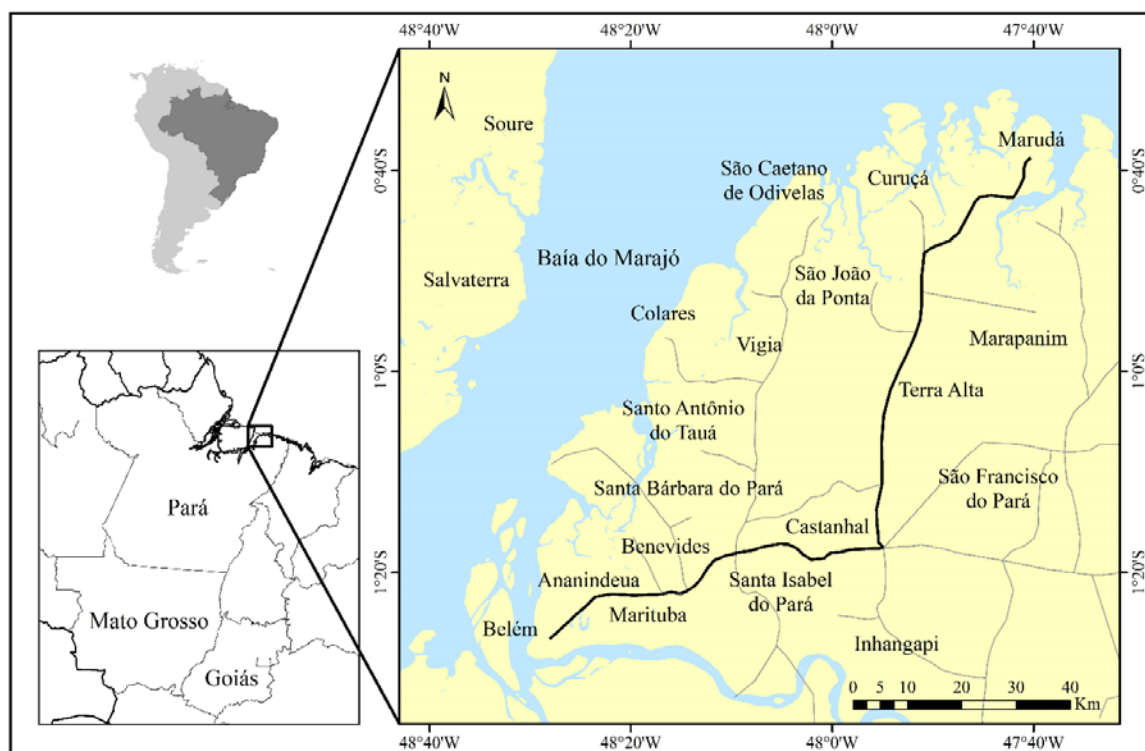
Para a tese, os objetivos foram: a) identificar que representações de natureza que essas mulheres possuem; b) constatar como a produção de conhecimento sobre seu território é importante para a constituição desse *ethos*; e c) verificar de que modo a elaboração de um imaginário estético próprio é importante no processo de produção desse *ethos* feminino comunitário.

Singularmente neste texto, o desafio foi o de identificar que representações de natureza são atribuídas por essas erveiras. Para tanto utilizamos como estratégias investigativas uma pesquisa etnográfica articulada ao método cartográfico, cujo instrumento foram rodas de conversa com sete erveiras que fazem parte do coletivo Erva Vida. Por meio do acompanhamento de processos cartográficos e inspirados nessas conversas em roda, pode-se construir um território comum com essas mulheres evidenciando a potência de seus modos de vida protagonizados por estratégias de reinvenção de si e das outras.

2 Metodologia utilizada

A pesquisa ocorreu com um grupo de sete mulheres, erveiras que residem no distrito de Marudá. Geograficamente, esse local situa-se no nordeste paraense, ficando a aproximadamente 163 km de Belém, capital do estado (figura 1). Esse local é um dos 15 distritos do município de Marapanim que se localiza na faixa conhecida como Amazônia Atlântica, cuja área é protegida por uma reserva extrativista marinha. No seu ecossistema predominam manguezais, estuários, planícies de maré, praias arenosas e restingas, daí a procura pelo lugar como um polo balnear do estado do Pará, sobretudo no veraneio amazônico. Sua paisagem natural é constituída de uma grande diversidade de espécies animais e vegetais, como já demonstrou Monteiro (2011).

Figura 1: Localização de Marudá e acesso a partir de Belém



Fonte: Furtado (2019)

Historicamente Marudá foi uma região de grande produção pesqueira até meados da década de 1990. Entretanto, com a decadência da pesca, o lugar se tornou um

dos destinos mais buscados por banhistas, sobretudo de Belém. Dessa forma, o turismo é sua principal atividade econômica que orienta todas as outras atividades produtivas.

Aliás, o turismo atrai para o local muitas pessoas, fazendo com que seja alta a demanda por serviços de hotelaria, restaurantes e congêneres. Diante disso, além do seu contingente populacional permanente, em julho, considerado o veraneio amazônico, o número de habitantes aumenta significativamente. Esse excedente é formado, em sua maioria por uma população temporária, de visitantes ocasionais e moradores que adquiriram casas em Marudá. O turismo implicou mudanças não só nos aspectos culturais como também nos hábitos alimentares e no mundo do trabalho, por meio das quais os moradores nativos passaram a se engajar à vida balnear. Os homens passaram a assumir as funções de caseiros, jardineiros, carpinteiros, enquanto que as mulheres tornaram-se lavadeiras e cozinheiras.

É nesse contexto que existe um coletivo de mulheres que produzem fitoterápicos a partir das plantas medicinais disponíveis no bioma. Esse coletivo chamado de Erva Vida se constitui em uma associação de erveiras que atuam nessa comunidade, segundo dados de Maurícia Monteiro (2011), desde o final da década de 1990. Elas possuem idades que variam entre 25 a 70 anos, com perfis diferenciados: solteiras, casadas, viúvas, avós, mães, filhas, algumas com poucos anos de escolarização formal e outras com graduação em andamento. Há entre elas laços de parentesco e forte rede de sociabilidade. Essas mulheres contam com a parceira do Museu Paraense Emílio Goeldi e de orientações do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

Os dados de campo foram produzidos a partir de uma pesquisa etnográfica articulada ao método cartográfico, na qual o instrumento de coleta foram rodas de conversa, cujos dados foram analisados por meio de uma abordagem qualitativa. Como garantia da ética as mulheres tiveram assegurado o anonimato, para isso suas falas foram codificadas por meio de nomes fictícios que elas próprias puderam escolher. Aliás, neste processo de escolha, os nomes estavam vinculados à proteção à natureza (Girassol, Ipê Amarelo e Samaumeira Resistência) ou a luta por direitos das mulheres trabalhadoras (Rosa Luxemburgo, Marielle Franco, Roseli Nunes e Nina Simone).

2.1 Resultados

A pesquisa evidenciou os sentidos que são atribuídos à natureza manifestados no respeito e na sua valorização, a exemplo da escolha dos nomes que se atribuíram: Ipê Amarelo, Samauneira Resistência e Girassol. Não à toa que a escolha por esses nomes está muito associada ao seu território, uma vez que todas essas árvores possuem uma performatividade ímpar na Amazônia, seja por aspectos estéticos, como é o caso do Girassol e do Ipê Amarelo, seja pela representatividade de resistência, como é o caso da Samauneira.

Outro argumento que explica a escolha pelos nomes de plantas é a relação destas mulheres com os conhecimentos tradicionais advindos do processo de aliançamento entre elas e a natureza. Aliás, os conhecimentos tradicionais correspondem ao conjunto de informações, saberes, fazeres e pensares transmitidos oralmente transcendendo gerações, quase sempre, incorporados à biodiversidade e que representam não somente o trabalho das comunidades, mas constituem parte da sua cultura, de suas práticas e seus de costumes (CASTRO; FIGUEIREDO, 2019). Essas sabedorias fazem parte de seu arcabouço de conhecimento que articulam natureza-cultura-educação e que existem independentemente do conhecimento científico, sendo potentes na criação de uma cultura de pertencimento entre as comunidades da Amazônia.

Além disso, por meio das cartografias, notei que essas mulheres possuem um invejável domínio e compreensão dos ciclos da natureza: da força da lua que orienta suas atividades produtivas, o vai-e-vém das marés e a captura dos crustáceos; da força e a direção do vento que traz um suave frescor em dias quentes na região litorânea de Marudá. Essas manifestações da natureza não se limitam somente a fenômenos naturais, mas estão articulados às suas formas de vida, a sua cultura e ao sentido que atribuem ao território.

Neste contexto, a partir daquilo que vimos, ouvimos e experienciamos, organizamos as representações de natureza atribuídas pelas erveiras em seis categorias: sistema, união, cuidado, força, resistência e resiliência, conforme demonstrado na figura 2.

Figura 2: Representações da Natureza para as Erveiras



Fonte: Pesquisa de Campo (2023)

A representação de natureza como sistema implica na sua articulação entre aspectos naturais e humanos compondo um único ecossistema. Um ecossistema corresponde a um conjunto formado pelas interações entre vários elementos vivos e não vivos que interagem por meio das trocas de energia em um determinado território, podendo incluir organismos como plantas, animais e seres humanos além de elementos químicos e físicos como o ar, a água e o solo (DICIONÁRIO AMBIENTAL, 2014). Essas relações são forjadas a partir de uma rede de interações e de alianças produzindo um processo simbiótico e sinérgico por meio do qual a presença de um elemento influencia diretamente sobre e com os outros.

Esse processo de interações e alianças, no caso de Marudá, são ainda mais evidentes produzindo uma potência não só sobre o ecossistema natural, mas principalmente sobre a produção de um estilo vida próprio desencadeado como resultado da formação de redes, que no caso das erveiras, implica na elaboração de um *ethos* feminino comunitário que interage entre essas mulheres, como também sobre seu território, a ponto de produzir uma relação ecossistêmica.

Considerações Finais

O recorte deste texto foi identificar que representações de natureza são atribuídas por essas mulheres sobre seu território. Foi possível perceber que há uma relação de afeto com a natureza, por meio da qual elas atribuíram as representações de sistema, união, cuidado, força, resistência e resiliência. Embora esse texto termine aqui, a pesquisa com as erveiras é muito mais profundo, uma vez que estes resultados são parciais e o trabalho está em processo de construção.

Referências

CASTRO, Marta Rocha de; FIGUEIREDO, Fábio Fonseca. Saberes Tradicionais, Biodiversidade, Práticas Integrativas e Complementares: O Uso de Plantas Medicinais no SUS. **Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, Hygeia, nº 15 (31): pp 56 - 70, Março/2019.

DICIONÁRIO AMBIENTAL. ((o))eco, Rio de Janeiro, jul. 2014. Disponível em: <<http://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/28516-o-que-e-um-ecossistema-e-um-bioma/>>. Acesso em: 05 de Março de 2023.

FURTADO, Diego Corrêa. **Turismo, trabalho e uso de recursos naturais no Litoral Paraense**: A construção da noção de mudança na localidade Costeira De Marudá, Amazônia Atlântica. Tese, Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.

MONTEIRO, Maurícia. **Papel das plantas medicinais na questão de gênero dentre as mulheres pescadoras - erveiras do espaço Erva Vida Marudá**. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente). Belém: UFPA, 2011.

SANTOS, Elza Ferreira. **Gênero, Educação Profissional e Subjetivação**: Discursos e Sentidos no cotidiano do Instituto Federal de Sergipe. 326 f. Tese (Doutorado em Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação), Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.